

ACESSO // Mesmo com crescimento na Região, Nordeste está abaixo nos números alcançados no país

Microcrédito está longe de quem precisa

MICHELINE BATISTA
DA EQUIPE DO DIÁRIO

O mercado de microcrédito, apesar de estar crescendo muito no Nordeste, mais do que no restante do país, ainda não chega a quem precisa. Estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgado nos últimos dias mostra que o acesso ao crédito nas cidades nordestinas aumentou de 3,97% para 6,27%, enquanto que nas demais regiões a evolução foi de 5,34% para 5,99%. Entretanto, apenas 6,1% dos negócios nancicos (até cinco empregados) obtiveram acesso a financiamentos no Nordeste. A prova disso é que 83% da população urbana de microempresários nordestinos não possuem dívidas.

O estudo *Microcrédito, o mistério nordestino e o Grammen brasileiro* apurou que a ligação a entidades de classe, como associações, sindicatos e cooperativas, é determinante na obtenção do crédito. A questão da legalidade também parece facilitar o acesso a financiamentos: quem possui constituição jurídica possui uma vantagem 22% maior em relação aos que não possuem. "A formalidade é fundamental para o acesso ao crédito, o que é um problema no Nordeste", comenta Marcelo Neri, coordenador do levantamento,

No Brasil, 29,25% das microempresas com acesso a crédito tem constituição jurídica, número que cai para 17,80% no Nordeste. O estudo indica, também, uma redução relativa do acesso ao crédito tanto para negócios de pessoas sem instrução, como para os empregadores. O que é crucial para a região, uma vez que o perfil dos microempresários traçado pelo levantamento revela que essa população é predominantemente jovem e menos educada do que no resto do país, apresentando uma proporção duas vezes maior de adolescentes e dois anos a menos de estudo, na média.

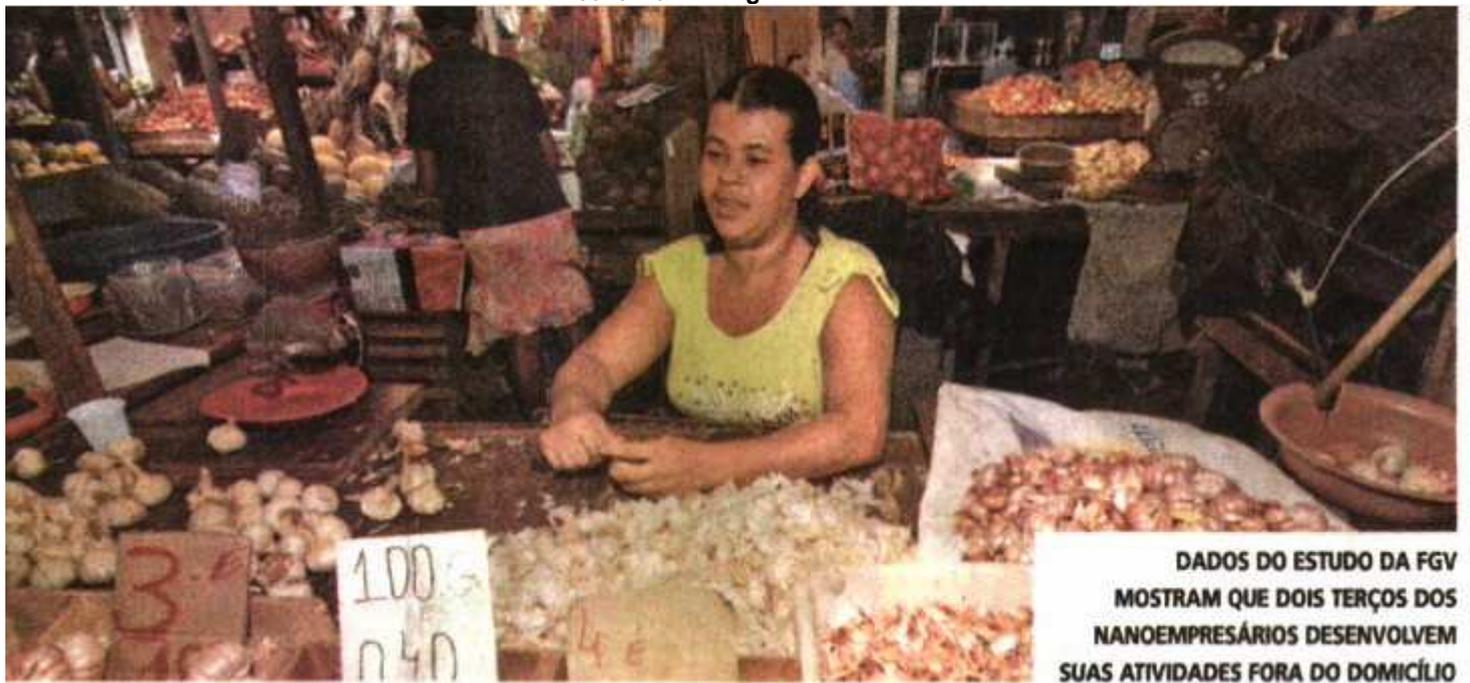
A escolaridade dos nano e microempresendedores aparece como um importante determinante de produtividade dos negócios. A elasticidade do lucro em relação à escolaridade encontrada foi de 0,89%. Ou seja, cada 10% de aumento de escolaridade média do segmento (cerca de 0,6 ano), geraria um aumento de lucro de 8,9%.

Como o estudo da FGV foca bastante no CrediAmigo, programa de microcrédito do Banco do Nordeste, temos um público para esse mercado: homem, pardo, só completou o ensino fundamental, acima dos 20 anos, pertence às classes C, D ou E, tem renda média do trabalho de R\$ 538 (corres-

pondente ao lucro) e renda domiciliar per capita de R\$ 361. Os dados mostram que dois terços dos nanoempresários desenvolvem suas atividades fora do domicílio, e somente um terço no próprio domicílio.

Dificuldades – Segundo o estudo coordenado por Neri, crédito não resolve todos os problemas. Tomadores de empréstimos reclamam de problemas de gerenciamento, infra-estrutura e instalação física. Eles também sofrem com a falta de capital de giro. Apesar disso, o microcrédito é visto como uma porta de saída da pobreza e redução da miséria, uma vez que dá sustento e dignidade às famílias.

O estudo da FGV foi feito a partir de dados do CrediAmigo e de microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) e da Economia Informal Urbana (Ecinf), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Um sumário executivo do trabalho e a base de dados podem ser acessados pelo endereço www.fgv.br/cps/crediamigo.



DADOS DO ESTUDO DA FGV MOSTRAM QUE DOIS TERÇOS DOS NANOEMPRESÁRIOS DESENVOLVEM SUAS ATIVIDADES FORA DO DOMICÍLIO